

DE PAUS E PEDRAS A PALAVRAS: BREVE INVESTIGAÇÃO SOBRE O INSULTO COMO LINGUAGEM DISFÊMICA

Giselle Olívia Mantovani Dal Corno*

RESUMO: Este artigo focaliza o turpilóquio – o uso de linguagem torpe – sob a forma de insultos proferidos por jovens e adultos em estádios de futebol no contexto da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul (RCI). Considerando um insulto como uma ofensa dirigida a uma pessoa e/ou ao grupo a que pertence, bem como aos valores que os identificam, investigar as formas linguísticas usadas para insultar e as categorias semânticas a que se relacionam, permite compreender melhor a cultura da região estudada.

PALAVRAS-CHAVE: turpilóquio; insultos; cultura da RCI.

ABSTRACT: This paper focuses on swearing – the use of “bad language” – in the form of insults uttered by youngsters and adults in soccer stadiums within the context of Italian immigrant descendants in Northeastern Rio Grande do Sul, Brazil. Considering that an insult is an offence towards a person and/or the group to which s/he belongs and towards the values which identify them, by investigating language forms used and semantic categories they relate to we are able to get a better understanding of the culture of the region under study.

KEYWORDS: swearing; insults; Italian immigrant culture.

Este trabalho insere-se no projeto “O falar torpe na linguagem oral da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul (RCI) – TURPILÓQUIO”¹, que teve como objetivo geral estudar a fala torpe (palavrões, blasfêmias, insultos, imprecizações) como fato sociolinguístico, expressão étnica e recurso cultural ítalo-brasileiro no contexto da RCI. Neste artigo, investigamos o emprego de falas torpes por jovens e adultos, de ambos os gêneros, que frequentam estádios de futebol de quatro times gaúchos (dois da capital e dois do interior), para verificar como se configura o léxico empregado em insultos e ofensas proferidas nesse espaço público. A partir dos dados obtidos, propomos uma análise das falas torpes fornecidas, precedida de breve fundamentação teórica sobre o tema.

* Doutora em Letras. Docente do Programa de Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul – UCS.

¹ Projeto desenvolvido na UCS de agosto de 2007 a julho de 2009, sob a coordenação de Vitalina Maria Frosi, contando ainda com a colega Carmen Maria Faggion na equipe. Agradeço às bolsistas de iniciação científica Greyce Dal Picol e Maurice Lídiane Lazzaretti pelo auxílio na coleta dos dados para este trabalho.

TURPILÓQUIO: O QUE É O FALAR TORPE?

Praguejar, blasfemar, lançar imprecensões: quem já não o fez, quem não conhece alguém que o faça? Esse comportamento verbal aparece nas mais diferentes culturas, com registros escritos que remontam a séculos. Frequentemente associada ao tabu social, a fala torpe se identifica com a linguagem obscena, com a verbalização do erotismo, com a fala não culta e, dependendo da época e da sociedade que lhe serve de pano de fundo, pode estar sujeita a censura e a sanções, formais ou informais. Os dicionários, quando incluem esses itens lexicais, registram-nos como “tabu” ou “tabuísmo”.

Pinker sistematiza bem (2008):

Sejam elas chamadas de xingamentos, palavrões, baixo calão, profanidade, obscenidade, indecência, vulgaridade, blasfêmia, baixaria, pragas ou epítetos; como palavras sujas, de quatro letras ou tabus; ou como termos ruins, rudes, grosseiros, vis, salgados, baixos, chulos, indecorosos ou de mau gosto, essas expressões suscitam muitas vezes enigmas para quem estiver interessado na língua como janela para a natureza humana. O medo e o desprezo não são deflagrados pelos conceitos em si, porque os órgãos e as atividades que eles nomeiam possuem centenas de sinônimos polidos. Nem pelo som das palavras, já que várias delas possuem homônimos respeitáveis em nomes de animais, ações e até de pessoas. O impúblicável pode passar a públicável com um hífen ou um asterisco, e o impronunciável a pronunciável com uma mudancinha numa vogal ou consoante. É alguma coisa na *junção* de determinados sentidos com sons que tem um forte efeito sobre as emoções das pessoas. (PINKER, 2008, p. 371)

De qualquer modo, esse tipo de linguagem geralmente conta com o mais baixo prestígio social, sendo mais freqüente na linguagem oral que na escrita, e seu emprego como recurso afetivo é inquestionável na atualidade, como bem aponta Pretti (2002):

Esta situação de vocábulos e expressões de baixo prestígio social se incorporarem ao discurso culto, na língua oral e escrita (nesta, em particular, por meio da mídia), pode ser observada nos vocábulos obscenos, às vezes injuriosos, que fazem parte dos recursos afetivos da língua e, cada vez mais, vêm sendo liberados, na sociedade contemporânea, até para os contextos escritos.

Quando se estuda o problema desses vocábulos e expressões, entra-se inevitavelmente no campo da moral. Sabemos que os falantes atribuem valores éticos aos vocábulos e que esses valores se alteram em função da própria evolução dos costumes. É errado pensar que esse vocabulário é exclusivo das classes economicamente mais baixas. O

gosto pela obscenidade já foi objeto até da classe nobre, conforme comprovam os estudos históricos sobre o século XVIII na Europa, em especial na França. (PRETTI, 2003, p. 59-60)

Para Tartamella (2006, p. 9), o uso da linguagem torpe assinala o início da civilização – foi quando os homens deixaram de jogar paus e pedras uns contra os outros e aprenderam a se lançar palavras. Blasfêmias, imprecizações, impropérios, insultos e palavrões traduzem em palavras as emoções humanas. São, para o autor, primeiramente uma resposta neurológica a situações desagradáveis ou incômodas, podendo também constituir ações psicossociais (cf. TARTAMELLA, 2006, p. 12). A linguagem torpe tem diversas finalidades: além de ofensa, pode causar uma perturbação no discurso, bem como servir de meio de desafogo e expressão de revolta; pode também assinalar familiaridade e descontração, além de introduzir um elemento jocoso na interação verbal. Apesar de todas essas funções, prossegue o autor, esse tipo de linguagem foi por muito tempo desconsiderado pela Linguística, taxado como tabu.

A ideia de tabu aplica-se, nas sociedades ocidentais, especialmente aos casos de blasfêmia, havendo uma abundância de estudos a esse respeito (TARTAMELLA, 2006; ALLAN e BURRIDGE, 2006; HUGHES, 1998). A blasfêmia herética é alvo de sanções de instituições religiosas e governamentais, pois é uma proclamação contra os dogmas ou conceitos da fé institucionalizada. Faggion (2009, p. 635) propõe a denominação blasfêmia ofensiva a todos os demais casos “em que se ultraja uma divindade ou religião” (que incluiriam, na cultura predominantemente católica da RCI, as ofensas dirigidas a Deus, aos santos e outras figuras sacras). Esse tipo de blasfêmia recebe a censura do grupo social, especialmente a de pessoas com alguma ascendência sobre aquele que pronuncia a blasfêmia. Assim, parece ser mais o receio de algum confronto com membros do grupo (por exemplo, pais, avós, professores) do que propriamente o temor da punição por parte de alguma instituição que age como censura – mesmo porque a ameaça “quem diz isso vai para o inferno” parece ter enfraquecido nos tempos atuais.²

No dizer de Allan e Burrige (2006, p. 9), um tabu nasce de restrições sociais impostas ao comportamento dos indivíduos que ameaça a ordem e a estabilidade do grupo. Certos estilos de linguagem, certas palavras e expressões podem ser vistas como tabu por apresentarem um risco a relações “potencialmente voláteis”. Para os autores, o tabu e a censura à

² Azevedo (1994) registra a abundância de blasfêmias proferidas pelos primeiros habitantes italianos e italo-descendentes na RCI e a posição do clero a esse respeito. Não pretendemos discorrer a respeito da blasfêmia na presente investigação, uma vez que, no âmbito do projeto Turpilóquio, já há alguns estudos específicos divulgados em eventos científicos e publicados. Além de Faggion (2009), ver também Frosi, Faggion e Dal Corno (2008); Faggion, Dal Corno e Frosi (2010).

linguagem estão relacionados a questões de polidez, embora o conceito de polidez – assim como o que é considerado tabu – seja dependente do contexto, do tempo e do lugar em que ocorra a interação. “O que é polido é pelo menos inofensivo e, no melhor dos casos, agradável para uma audiência. O que é ofensivo é impolido.” (ALLAN e BURRIDGE, 2006, p. 36).³

Pinker (2008) reitera as palavras dos autores e acrescenta:

Mas, apesar da variação segundo o tempo e o lugar, dá para dizer que a maioria das línguas do mundo, provavelmente todas, possui palavras com forte carga emocional que não devem ser usadas em conversas polidas. [...] Na maior parte das outras línguas, os tabuísmos saem da mesma listinha de temas de onde o inglês e o francês obtêm seus palavrões: sexo, excreção, religião, morte, doenças e grupos desfavorecidos. (PINKER, 2008, p. 376)

Como afirmam Allan e Burrige (2006), muito já se discutiu sobre o eufemismo – já são clássicos os estudos de Benveniste a esse respeito. O eufemismo é definido pelo dicionário eletrônico *Houaiss* como “palavra, locução ou acepção mais agradável, de que se lança mão para suavizar ou minimizar o peso conotador de outra palavra, locução ou acepção menos agradável, mais grosseira ou mesmo tabuística”. Esse outro tipo de linguagem que se procura evitar seria considerado *disfemismo*: “Expressões disfêmicas incluem pragas, palavrões e qualquer tipo de comentário depreciativo dirigido a outros a fim de insultá-los ou feri-los” (ALLAN e BURRIDGE, 2006, p. 31).

Assim, nas interações verbais, as palavras e expressões linguísticas disfêmicas são a escolha menos polida e, por isso, despreferida, passível de ser considerada tabu. Já os eufemismos e os *ortofemismos* (na definição dos autores, a linguagem mais “neutra”) são usados como a alternativa mais polida aos disfemismos, pois eles “evitam uma possível perda da face pelo falante, ouvinte ou uma terceira pessoa” (ALLAN e BURRIDGE, 2006, p. 32).

O conceito de *face* referido pelos autores é trazido de Brown e Levinson (1987), concisamente definido, para comunidades de fala inglesa (e, acrescentamos, provavelmente extensível a diversas culturas ocidentais), como a auto-imagem pública de um indivíduo. “A face tem dois aspectos: o desejo de uma pessoa de ter seus atributos, realizações, ideias, propriedades e objetivos apreciados positivamente pelos outros, bem como o desejo de uma pessoa de não ter alguém se intrometendo em sua vida” (ALLAN e BURRIDGE, 2006, p. 33). A linguagem disfêmica potencialmente acarreta a perda da face, isto é, vai de encontro desses

³ Todas as traduções dos originais em inglês são de responsabilidade da autora.

desejos, especialmente no caso do insulto verbal, como se verá a seguir.

O INSULTO

O insulto é definido pelo *Houaiss* eletrônico como “palavra, atitude ou gesto que tem o poder de atingir a dignidade ou a honra de alguém” e como “ação ou resultado dela que deixa transparecer aversão ou menosprezo pelos valores, pela capacidade, inteligência ou direito dos demais”. Deste modo, são pelo menos três os elementos que interagem no insulto: o *insultador*, aquele que lança contra outrem o insulto; o *insultado*, aquele a quem o insulto é dirigido; e o *insulto* propriamente dito, que pode se manifestar como uma palavra, um atitude, um gesto, uma ação, incluindo seu resultado.

Neste trabalho, consideraremos apenas os insultos verbais. E, embora haja a possibilidade de o desconhecimento de determinados elementos contextuais acarretar a realização de um insulto não intencionalmente (como, por exemplo, quando há um contato entre duas culturas diferentes e, por conseguinte, desconhecimento das normas e valores de cada uma), consideraremos aqui o insulto como algo intencional – ou seja, a palavra ou expressão proferida com o objetivo atingir a outrem. Na teoria de Polidez formulada por Brown e Levinson (1987), o insulto constitui, em termos pragmáticos, um ato ameaçador à face (FTA) do ouvinte num contexto de interação. Como em todo FTA, a realização de um insulto pode ser feita de forma direta ou indireta. Um insulto direto pode ser feito pelo uso de palavras ofensivas, que qualifiquem negativamente o interlocutor ou aqueles/aquilo que ele preza, associadas ou não a tabus linguísticos.

Pretti (2003) lembra que, no insulto (a fala de caráter injurioso), não se distingue mais o falante culto do não culto:

Em geral, a linguagem obscena ocorre com mais frequência nos falantes menos cultos, exceto quando sua função é de caráter injurioso, quando, então, essa relação com a cultura do falante pode-se perder [...]. (PRETTI, 2003, p. 59-60)

Pode-se dizer, assim, que na realização de insultos diretos existe uma espécie de “democratização” da linguagem.

Como formas indiretas de realizar um insulto, apontamos o uso da ironia, das metáforas e da linguagem figurada. Neste sentido, a produção e a percepção do insulto serão em grande parte dependentes das habilidades verbais e do nível cultural das partes envolvidas.

Allan e Burrige (2006) comentam:

Insultos verbais podem ocorrer em qualquer estilo de linguagem. Insultos normalmente visam a ferir o destinatário ou atingir a reputação de um terceiro, ou ambos. São, assim, intrinsecamente difêmicos e, por isso, tipicamente considerados tabu e sujeitos a censura. (ALLAN e BURRIGDE, 2006, p. 79)

Como apontam os autores, os insultos geralmente focalizam e menosprezam a aparência física de uma pessoa, sua habilidade mental, sua personalidade, comportamento, crenças e/ou relações sociais e familiares (cf. p. 79). O léxico difêmico para insultar inclui:

- a) comparação de pessoas a animais com certos comportamentos convencionais;
- b) epítetos derivados de partes do corpo consideradas tabu, bem de como secreções corporais e comportamentos sexuais;
- c) epítetos que focalizam características físicas reais, mas tratadas como se fossem anormalidades;
- d) epítetos invocando a subnormalidade ou a desordem mental;
- e) difemismos relacionados a discriminação por sexo, raça, classe, idade e vários -ismos. (cf. ALLAN e BURRIGDE, 2006, p. 79-84)

Allan e Burrigde (2006, p. 85) lembram ainda a existência de insultos rituais, em que ocorre uma espécie de “concurso de insultos” entre dois indivíduos ou grupos, referido, de modo geral, por *flyting*. A literatura nos mostra que é uma prática muito antiga no mundo ocidental, como se pode observar em obras clássicas, como em Shakespeare, quando um personagem “desfia um longo rosário” de insultos a um oponente, recebendo em troca outro fio interminável de ofensas.⁴ Insultar, assim, é um alto exercício de criatividade. A esse respeito, Pinker (2008) comenta:

Há momentos na vida de todo mundo em que se sente a necessidade de intimidar ou punir outra pessoa, ou de degradar a reputação dela. É provável que o ato de forjar os xingamentos tenha exercitado mais o instinto linguístico das pessoas que todos os outros atos do discurso juntos, e em muitas culturas ele foi alçado à categoria de grande arte, às vezes chamado de *flyting*. (PINKER, 2008, p. 401)

Exceto nesses casos, em que a finalidade é mais divertir do que propriamente ofender, ao insultar alguém, aquele que insulta está na verdade dizendo ao insultado: “você não é digno de respeito”; “o que você considera

⁴ Em minha experiência particular de vida, lembro de ter lido um inocente livro chamado *O Diário de Ana Maria*, de Michel Quoist, escrito na década de 1960, um clássico para os adolescentes de minha geração. Lá, a personagem principal se engalfinhava com seu irmão em longas trocas de insultos, nunca obscenos, em função da época em que foi escrito e do público a que se dirigia, mas ricos em imaginação, dos quais fica na minha memória até o hoje o “trêmula espiguiha das Ilhas Canárias”.

bom e honrado não é reconhecido por mim como tal”; “seus valores não tem valor algum para mim”; “as qualidades que você julga ter são inexistentes”; e assim por diante.

Diferentemente de outros países, não existe no Brasil uma tradição na imposição de censura e sanções a blasfêmias. No entanto, o *Código Penal* brasileiro, no Capítulo V – Dos Crimes contra a Honra, Artigo 140, § 3º (com redação determinada pela Lei no. 10.741, de 2003), pune a injúria (ofensa verbal) que “consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência” com a pena de “reclusão de um a três anos e multa”. Tão passível de punição como a calúnia e a difamação, a ofensa verbal ou o insulto, tecnicamente denominados “injúria”, é considerada um crime nos casos citados. No entanto, bem se viu, nas categorias apontadas por Allan e Burrige (2006), que sua prática continua tão comum hoje como tem sido desde o “início da civilização”, como marcado por Tartamella (2006).

INSULTOS NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL: RESULTADOS DA PESQUISA

O uso da fala torpe em estádios de futebol foi investigado através de um questionário estruturado, aplicado a trinta e dois informantes, sendo 17 do gênero masculino e 9 do gênero feminino, com idades variando entre 18 e 65 anos. Todos os entrevistados, de alguma forma, são ligados a Caxias do Sul, município da RCI: são naturais e/ou habitantes da cidade (mesmo que só parcialmente, em função de atividades profissionais). Foram apresentados 12 possíveis motivos para o emprego do falar torpe no espaço do campo de futebol, e os entrevistados atribuíram um número de 1 a 10 para cada um, conforme julgavam ser o motivo mais frequente. Como apontado em Lazzaretti e Dal Corno (2009), tanto para os sujeitos homens quanto mulheres, o principal motivo apontado para o emprego do falar torpe foi “Para xingar/ofender o árbitro”, seguido de “Para reclamar e exigir reparações de erros de arbitragem” e de “Para xingar/ofender jogadores”. Observa-se, assim, uma grande prevalência do emprego do falar torpe motivado pelo desejo de xingar ou ofender – isto é, insultar – alguém (primeiramente o árbitro, depois os jogadores). Alguns informantes ainda apontam o técnico como alvo dos insultos.

O questionário também sugeria que os informantes listassem as formas linguísticas que costumam empregar e/ou ouvir para a realização das ofensas e insultos. Apenas um dos informantes afirmou “não dizer palavrões” e não se sentiu à vontade para relatar o que escuta em campo.

As respostas obtidas podem ser agrupadas em categorias semânticas de acordo com o foco do insulto, coincidindo grandemente com o sistematizado por Allan e Burrige (ver acima). Foram elencadas mais de trinta diferentes unidades lexicais (palavras ou expressões) para o insulto.

A maior variedade de insultos fornecidos pelos informantes focaliza a (falta de) *inteligência ou capacidade intelectual*. Das dez formas, uma é na variedade dialetal italiana da RCI: *baúco* (significando tolo, parvo). As demais foram: *animal, besta, boca-aberta, burro, égua, idiota, imbecil, palhaço, trouxa*. Observa-se o uso de adjetivos, bem como substantivos que designam animais.

A (falta de) *habilidade ou destreza na profissão* é também focalizada em epítetos como: *bichado* (nos esportes, atleta que apresenta problemas físicos), *frangueiro* (goleiro que falha em gols fáceis de defender), *pangaré* (cavalo ordinário, inútil, portanto, inapto para realizar as tarefas que lhe cabem).⁵ Observa-se aqui novamente a referência a animais para a realização da ofensa. *Manco* e *pé torto* ambos denotam um defeito físico, que seria inadmissível num jogador de futebol; portanto, devem ser considerados em sentido figurado, numa alusão a quem falta destreza. *Perna-de-pau*, embora também aluda a um defeito físico, já está dicionarizado com o sentido de "jogador de má qualidade".

O *caráter e comportamento moral* são alvos de insultos como *porco* (indivíduo moralmente baixo, de mau caráter), *desgraçado* (aquele cujo caráter inspira desprezo; infame) e *podre* (alguém débil e moralmente condenável).

Como não se poderia deixar de esperar, a *honestidade* do juiz também é posta em xeque nos epítetos *ladrão* e *mercenário*.

Muito comum nas culturas latinas, marcante na cultura brasileira, a *hombridade* e a *masculinidade* são constante objeto de insultos. Epítetos como *bicha, gay, pau-no-cu, puto, putão* e *veado* são constantes nesse espaço público. Lado a lado com essas formas, encontram-se aqueles insultos dirigidos à *honra masculina*, como *chifrudo* e *cornu* (ambos designando pejorativamente o cônjuge enganado, mas dificilmente aplicáveis a mulheres), bem como aqueles que atingem a dignidade da família, o tradicional *filho da puta* e sua variante sonora *filha da puta* (mesmo que dirigido a alguém do sexo masculino). Interessante observar que, no questionário, a auto-censura fez com que alguns informantes registrassem apenas as siglas *f.d.p.* e *filho da p.*

Um dado lamentável registrado foi a manifestação de discriminação racial através de formas disfêmicas que atingem pessoas de cor negra, que, como se sabe, constituem uma grande parcela nos times de futebol brasileiros da atualidade. A referência denotativa aos negros nascidos no Brasil em *crioulo*, quando vociferada em meio a uma partida de futebol, perde a neutralidade e assume tom injurioso. Bastante depreciativos são os outros epítetos elencados pelos informantes: *chaminé do avesso* (referência à cor preta deixada pela fuligem), *negão* (novamente, no contexto, com uso pejorativo, não apenas referência a uma pessoa de grande estatura) e a

⁵ A consulta às definições foi feita na versão eletrônica do dicionário *Houaiss*.

composição *negrinho filho da puta*. O inocente *macaco*, quando proferido como insulto na RCI, não indica agilidade, destreza ou astúcia. A cor escura – característica registrada no *Houaiss* na referência a cavalos, por exemplo – é o traço que se salienta nessa forma linguística para aludir à cor negra ou escura dos jogadores. Embora não haja registro desta acepção no *Houaiss* ou em outros dicionários de língua portuguesa consultados, essa relação é um dado cultural da RCI, confirmado oralmente pelos entrevistados.

Sujeito a diferentes interpretações está o epíteto *pastel de tigre*. Essa composição sintagmática traz como núcleo o substantivo *pastel*, que, além de designar a iguaria de massa com recheio, frita ou assada, tão comum no Brasil, também significa, num vocabulário regional, um indivíduo lerdo, pateta, atributos não desejados em um jogador em campo. Assim, pode ser uma alusão a falta de destreza ou habilidade física. Como também se sabe que o tigre é um mamífero que se alimenta de outros mamíferos menores, especialmente se são lentos, velhos, fracos, pode haver aí uma alusão à possibilidade de o jogador que não for hábil ser devorado por um tigre.⁶ Sabe-se também – pela zoologia e pelo folclore – que uma presa favorita do tigre é o macaco. Nesse sentido, a expressão poderia ser uma manifestação de discriminação racial, em que haveria a associação do macaco aos indivíduos de cor negra, como mencionado no parágrafo anterior. Essa hipótese se confirmou, novamente, através de depoimento oral de alguns entrevistados, habitantes da RCI. Em todos esses casos, a ideia é a de que esse seria um pastel que o tigre comeria (o tigre sendo o vencedor, o outro o fraco, derrotado, que viraria recheio), por isso um insulto aos oponentes (jogadores do time adversário) ou a quem quer que mereça ser derrotado. Observe-se que se a interpretação dada fosse a de um pastel feito *com carne de tigre*, isso não constituiria um insulto, e sim um elogio, pois é necessário ser um bom caçador para caçar um tigre e fazer de sua carne recheio de pastel. Outro dado ainda a considerar é uma acepção regional, já em desuso no Brasil, para *tigre*: a designação de escravo ou criado responsável pelo serviço de transporte de matérias fecais em barris para despejo, uma tarefa bastante desagradável, por isso só realizada por subalternos. De qualquer forma, a expressão é usada de forma depreciativa na amostra em estudo e é, assim, considerada um insulto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Oatley *et al.* (2003, *apud* FRANCESCHI NETO, 2009) lembram que o fator cultural é tão importante quanto o ambiental como causador das emoções humanas, sendo por isso que alguns povos demonstram emoções

⁶ Ver, como ilustração, a historietta folclórica “O dia em que pastel de tigre virou herói”, disponível em <http://douglasfranzen.blogspot.com/2009/04/historias-do-velho-oeste-o-dia-em-que.html>

em algumas situações em que outros não o fazem. Já é um dado da cultura brasileira que o futebol é uma “paixão nacional”, que une (ou separa) amigos e famílias em torno da expectativa da consecução de um objetivo comum, a vitória: da partida, do campeonato, da copa. Unidos por um mesmo ideal momentâneo, os indivíduos se engajam em atividades e pensamentos, ao mesmo tempo em que se deixam mergulhar em emoções. Ekman (2003, FRANCESCHI NETO, 2009) lembra que as emoções resultam de quando algo – que está acontecendo ou por acontecer – afeta o nosso bem estar. Ora, uma vitória ou uma derrota certamente modificam o bem estar de alguém, e a expectativa para se chegar ao término do acontecimento motiva grandes emoções.

Como se extravasam essas emoções? Em ações que mostram euforia, desespero, coragem, perseverança, incluindo, na maior parte das vezes, o desafio verbal como uma ação socialmente aceita em determinados espaços públicos, como um estádio de futebol.

Cabe lembrar que os insultos colhidos nesta amostra, bem como outros que não foram ali registrados, talvez não fossem proferidos no caso de haver um confronto de indivíduos face a face. A necessidade de revestir a fala com estratégias de polidez aumenta à medida que aumenta a ameaça à vulnerabilidade das relações. O mesmo não acontece quando o enfrentamento se dá numa relativa distância e, principalmente, de forma coletiva. Até mesmo a legislação brasileira registra que *a massa não tem personalidade*. Desta forma, um insulto entoado em coro por uma torcida contra a outra não desestabiliza a harmonia de relações interpessoais; pelo contrário, contribui para aumentar a coesão do grupo, servindo ao desafio, à intimidação, à demonstração de vantagem. Uma torcida estaria, assim, provocando a reação de outra, ou instigando uma ação de reparação, no caso do xingamento dirigido ao árbitro ou aos jogadores do time. Por outro lado, o insulto proferido de forma coletiva é também uma importante via para liberar a tensão e expressar raiva, indignação e inconformismo com o curso da ação.

Estas breves considerações servem apenas para introduzir um tema que ainda merece análise mais aprofundada, o que se pretende fazer com a divulgação de mais resultados do projeto Turpilóquio.

REFERÊNCIAS

ALLAN, Keith; BURRIDGE, Kate. *Forbidden words: taboo and the censoring of language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

AZEVEDO, Thales de. *Os italianos no Rio Grande do Sul: cadernos de pesquisa*. Caxias do Sul: Educs, 1994.

BENVENISTE, Emile. A blasfêmia e a eufemia. In: BENVENISTE, E. *Problemas de*

linguística geral. Vol. 2. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BRASIL. Decreto-Lei no. 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Código Penal. Parte Especial. Título I, Capítulo V – Dos crimes contra a honra. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil/decreto-lei/del2848.htm>. Acesso em 01 fev. 2011.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

DEL-CAMPO, Eduardo Roberto Alcântara. Os perigos semânticos do racismo. In: Revista *Língua portuguesa*. Ano 5, n. 62, dez. 2010, p. 24-25.

FAGGION, Carmen Maria. Persistência de uma língua no turpilóquio. In: HORA, Demerval da. (Org.). *Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN*. João Pessoa, PB: Ideia, 2009, p. 635-641.

FAGGION, Carmen M.; DAL CORNO, Giselle O. M.; FROSI, Vitalina M.O Turpilóquio na RCI. In: XXV Encontro Nacional da Anpoll, 2010, Belo Horizonte. *XXV Encontro Nacional da Anpoll - Caderno de Resumos*, 2010.

FRANCESCHI NETO, Virgílio. *Emoção e comportamento corporal dos espectadores de futebol durante o jogo*. Lisboa, 2009. Tese (Mestrado). Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa. Disponível em:

http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/706/1/VFNeto_TeseM.pdf. Acesso em 1 fev. 2011.

FRANZEN, Douglas. Histórias do velho oeste: o dia em que pastel de tigre virou herói. Disponível em <http://douglasfranzten.blogspot.com/2009/04/historias-do-velho-oeste-o-dia-em-que.html>. Acesso em 1 fev. 2011.

FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. Toponímia e turpilóquio: peculiaridades da pesquisa da linguagem da Região de Colonização Italiana do Nordeste do RS. In: *XXIII Encontro Nacional da Anpoll*, 2008, Goiânia. *XXIII Encontro Nacional da Anpoll - Resumos expandidos*. Campo Grande: Anpoll, 2008.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUGHES, Geoffrey. *Swearing: a social history of foul language, oaths and profanity in English*. London: Penguin, 1998.

LAZZARETTI, Maurice L.; DAL CORNO, Giselle O. M. Linguagem e espaços públicos: a fala torpe nos estádios de futebol. *Feira de Iniciação Científica 2009. Anais...* Novo Hamburgo: FEEVALE, 2009.

PINKER, Steven. *Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PRETTI, Dino. Variação lexical e prestígio social das palavras. In: PRETTI, Dino (Org.). *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003. p. 47-68.

TARTAMELLA, Vito. *Parolacce*. Milano, It.: BUR Saggi, 2006.